

Voltaire, um filósofo engajado com questões de seu tempo

Elizabeth de Assis Dias ¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)
edias@ufpa.br

Resumo A produção intelectual do século das luzes francês sempre foi alvo de polêmicas, de filósofos e estudiosos desse século, sobre seu estatuto filosófico, questionavam se o que ali foi produzido poderia ser denominado de filosófico. O principal alvo dessa polêmica tem sido Voltaire, dado seu estilo combativo, irônico e pouco sistemático. Neste artigo, minha pretensão é evidenciar que Voltaire só pode ser visto como filósofo, se entendermos a Filosofia produzida no século das luzes, de uma nova forma, não no sentido de uma filosofia escolástica produtora de grandes sistemas filosóficos, mas sim como uma filosofia engajada voltada para as questões de seu tempo e preocupada em levar as ideias esclarecidas para o seio da sociedade, possibilitando que os seres humanos exerçam sua capacidade de pensar por si mesmo e deixem de ser tutelados, seja por detentores do poder político, seja pelo poder eclesiástico.

Palavras-chaves: filosofia. filósofo. iluminismo francês. razão. esclarecimento.

Voltaire, a philosopher engaged with issues of his time

Abstract: The intellectual production of the French Age of Enlightenment has always been the subject of controversy, among philosophers and scholars of that century, regarding its philosophical status, questioning whether what was produced there could be called as philosophical. The main target of this controversy has been Voltaire, given his combative, ironic and unsystematic style. In this paper, my intention is to show that Voltaire can only be seen as a philosopher, if we understand the Philosophy produced in the Age of Enlightenment, in a new way, not in the sense of a scholastic philosophy producing great philosophical systems, but rather as an engaged philosophy focused on the issues of its time and concerned with bringing enlightened ideas to the heart of society, enabling human beings to exercise their capacity to think for themselves and cease to be tutored, whether by holders of political power or by ecclesiastical power.

Keywords: Philosophy. philosopher. french enlightenment. reason. enlightenment.

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. É professora titular da Universidade Federal do Pará, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Filosofia e ao Curso de graduação em Filosofia. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9610357600630781> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0951-6313>

Introdução

Muito embora seja comum se considerar o século XVIII, como sendo o século das Luzes, ou como d'Alembert (1974) o denominou, o “século da Filosofia, há toda uma polêmica erigida por filósofos e estudiosos desse século com relação ao estatuto do que ali foi produzido e é posto em dúvida se os iluministas franceses foram realmente filósofos. Voltaire, está no centro dessa polêmica, apesar de ter sido muito elogiado por alguns, sendo até mesmo proposto que o século XVIII ficasse conhecido como sendo o seu século, sofreu toda uma gama de questionamentos e preconceitos sobre sua filosofia. Questiona-se se poderia se atribuir a ele o título de filósofo pois não elaborou grandes sistemas filosóficos, não era capaz de grandes reflexões filosóficas, era pouco profundo, tendia a simplificar tudo, não havia consistência em seus argumentos, seu estilo de escrita era propagandístico, enfim, não consideravam que sua produção intelectual se enquadrava nos moldes da concepção de Filosofia, que se tinha na época, que privilegiava os grandes sistemas filosóficos, a linguagem conceitual rebuscada e de difícil compreensão. Mas, de fato, podemos dizer que o século XVIII não produziu filosofia? Ou então, produziu uma “magra filosofia” como afirmava Merleau Ponty? E que Voltaire não é filósofo?

Para termos uma compreensão de que Filosofia foi produzida, naquele século, e o que se pretendia com essa filosofia é importante notar que o movimento iluminista, principalmente o que floresceu no solo francês, se situa em um contexto em que predominava o preconceito, a superstição, o fanatismo, a intolerância, as falsas crenças, enfim, todas as formas de obscurantismos, tomadas como artifícios para ludibriar e enganar o povo e mantê-lo na ignorância. E que os filósofos iluministas se propunham a defender o uso esclarecido da razão, por isto, assumiram como tarefa a instrução dos seres humanos, ou seja, pretendiam ensiná-los a pensar, de modo a libertá-los de todas essas formas de opressão e obscurantismo. O principal interesse desses filósofos não é produzir grandes tratados sistemáticos, mas sim uma “mudança na maneira comum de pensar”. Nesse sentido, a filosofia deve se voltar para a prática e se ocupar com os problemas da vida e da moral. Ela é concebida mais como uma atitude do espírito, do que um sistema filosófico.

Neste trabalho, minha pretensão é evidenciar que Voltaire só pode ser visto como filósofo, se entendermos a Filosofia de uma nova forma, não apenas como uma filosofia escolástica produtora de grandes sistemas filosóficos, mas sim como uma filosofia engajada voltada para as questões de seu tempo e preocupada em levar as ideias esclarecidas para o seio da sociedade, possibilitando que os sujeitos exerçam sua capacidade de pensar por si mesmo e deixem de ser tutelados, seja por detentores do poder político, seja pelo poder eclesiástico.

Para tal irei, primeiramente, apresentar como os filósofos iluministas franceses foram visto por outros filósofos e historiadores da filosofia, dando ênfase as apreciações críticas de sua produção,

tanto no que diz respeito às positivas que procuram destacar o grande o papel que desempenharam para o esclarecimento do povo, mas também, as negativas e até mesmo preconceituosas, que sofreram com relação à filosofia que produziram, destacando, especialmente, às críticas a Voltaire. Em seguida, apresentarei como esses pensadores concebiam a filosofia e o filósofo e, por fim, a forma como Voltaire exerceu sua filosofia, enquanto uma atitude do espírito.

1. Os elogios e preconceitos sobre a produção intelectual das luzes:

Madame du Deffand (1996, p. 126) escrevendo um dia a Voltaire, disse-lhe que a época em que ele vivia seria denominada de “século de Voltaire”, pois ninguém se distinguiu o bastante em nenhum gênero para que seu nome fosse colocado ao lado dele. Em um momento posterior, André Maurois (1975) retoma esse qualificativo, ao dizer que, se o século XVII foi o de Luís XIV, o século XVIII foi o de Voltaire, nenhum espírito representou melhor essa época cintilante e viva. D’Alembert (1974) e o próprio Voltaire (1967a) consideram esse período como o da Filosofia. Fontenelle declarava, em 1702, aos seus colegas da Academia Real de Ciências, que eles estavam vivendo em uma época que se tornava cada dia mais esclarecida; em comparação a ela, as que a precederam seriam apenas trevas. Trata-se de um período que se coloca a serviço do pensamento esclarecido, do conhecimento lúcido, da verdade e pretende tirar os homens da escuridão, das trevas da ignorância, fazer cair a venda que lhes cega os olhos, ou melhor, conduzi-los a sua emancipação dos preconceitos do passado. A razão era a luz (ou as luzes) que os guiaria no caminho de seus pensamentos e ações, possibilitando-lhes o discernimento das coisas. Desné (1979, p. 231) resume em duas palavras a situação do século XVIII na história da cultura: trata-se da época dos *filósofos* e das *luzes*. O termo filósofo indica uma atitude e luzes “um conteúdo de ideias” (1979, p. 231).

Muito embora se reconheça que o “Século das luzes” está intimamente relacionado ao próprio esclarecimento da razão, seu progresso e aperfeiçoamento e que os filósofos iluministas exerceram um trabalho exemplar em prol do uso autônomo da razão, há autores que não reconhecem essa tarefa, discutem o papel exercido por Voltaire, Diderot e D’Alembert e até mesmo as denominações atribuídas a aquele século.

“Época das luzes”, “idade da razão”, “período da filosofia”, “século de Voltaire,” Rupert Hall (1979) questiona se esses atributos não são complacentes e até mesmo inadequados para denominar a atividade intelectual de Voltaire e seus companheiros.

Théodore Suran (1903), por sua vez, não aprecia a denominação “Século de Voltaire” dada a esse período, lamenta que o século XVII, que poderia denominar-se “século de Descartes”, tenha apenas sido o “século de Luís XIV,” enquanto um escritor imperceptível e quase anônimo como Voltaire tornou-se o centro da vida intelectual do século XVIII.

Émile Faguet (1890) vê o século XVIII singularmente pálido entre a idade que o precedeu e aquela que o seguiu. Considera esse período inferior, do ponto de vista filosófico, ao de Descartes, Pascal e Malebranche. Os filósofos dessa época são brilhantes por certo e até mesmo bem-informados, mas bastante superficiais, infinitamente pessoais e de pouco peso; eles veem apenas suas ideias a provar e o adversário a confundir. Em suma, conclui Faguet, eles foram “muito mais polemistas que filósofos” (1890, p. XXI, tradução própria).² E acrescenta: “Dois séculos se passaram e eles não contarão mais para nada[...] na História da filosofia” (p. XXI, tradução própria).³

Merleau-Ponty (1991), ao distinguir “o grande racionalismo” do século XVII, rico de uma ontologia viva e o “pequeno racionalismo” que culminou no século XIX, refere-se ao século XVIII como a época em que a metafísica começou a definhar. Trata-se, naquele período, de “magra filosofia,” ou ainda de um tempo que não se expressa bem em filosofia. Os méritos dessa época estariam em outros aspectos: sua paixão de viver, de saber e de julgar.

As apreciações anteriores retratam como os estudiosos da filosofia veem a produção intelectual das luzes. Trata-se de uma época de transição, uma “travessia no deserto”, um “período de gestação”, uma passagem, após o florescimento da filosofia no século XVII. E o qualificativo “filosófico” só pode ser atribuído a esse período se for colocado entre aspas.

Quando se referem a Voltaire, os juízos são ainda mais severos. Os comentários de Kant, sobre ele, denotam o pouco apreço que ele tinha por sua produção intelectual e pela sua própria pessoa. Ele o coloca entre os “céticos suspeitos”, os “demagogos do mundo galante”, os “imitadores”. Considera sua metafísica como de uso corrente e sua obra sobre Carlos XII, como um romance da história e julga seus livros “perniciosos” (*schädliche*). Enfim, relaciona seu nome a “brincadeiras” e facilidades do espírito e sua pessoa a alguém “tolo ou louco” (Kant, *apud* Messaoudi, 2016, p. 308/309).

Seguindo esse juízo negativo de Kant sobre Voltaire, encontramos outros autores, como Carré (1938) que questiona a sua consistência filosófica. Victor Cousin (*apud* Voltaire, 1967b, p. XLV) que o considera incapaz de longas reflexões e de estudar filosofia. Para ele, Voltaire é apenas o “bom senso um tanto superficial.” E, de Maistre (1884), para quem Voltaire “sempre foi apenas gracioso”. Auerbach (1987), que o critica por sua falta de profundidade e sua tendência à simplificação. Considera que seu estilo propagandístico, rápido, “redemoinhante” e divertido não se enquadra nos moldes de um discurso profundo e sério. Voltaire, ao discutir os problemas filosóficos, simplifica-os, reduzindo-os a uma antítese; ridiculariza as ideias de seus adversários filosóficos de tal modo que elas se tornam uma caricatura e falseia a realidade empírica na medida em que simplifica demasiado as causas e os acontecimentos. Apresenta uma experiência que ele constrói para seus fins polêmicos

² “[...] beaucoup plutôt des polémistes que des philosophes.”

³ “Deux siècles passés, ils ne compteront plus pour rien (...), dans l’histoire de la philosophie.”

como se fora real e omite as condições históricas e espirituais do que está sendo discutido. Para Auerbach (1987, p. 366/367), a obra de Voltaire distancia-se do “trabalho difícil e sério” dos filósofos, não possibilita um conhecimento profundo, a reflexão rigorosa, apenas diverte, provoca o riso do leitor. Em suma, Voltaire não é filósofo, apenas um ativo defensor dos ideais das luzes.

Estas apreciações levam-nos a concluir que o século XVIII, denominado “século da Filosofia”, é um século sem filosofia? “Século da razão,” mas só produziu um pequeno racionalismo? E “século de Voltaire”, um homem sem profundidade e seriedade, a quem é negado a adjetivação de filósofo? Os que assim avaliam a produção intelectual das luzes tomam como critérios para seus julgamentos uma concepção tradicional de filosofia, em que o filósofo é o elaborador de um sistema ou doutrina e a filosofia é entendida como um “sistema de conhecimentos racionais a partir de conceitos” (Kant, 1992, AK24, p. 41). Nesse sentido, o discurso filosófico, para ser considerado profundo, deve ser escrito em uma linguagem grandiloquente, rebuscada e pouco inteligível.⁴ Querer que as luzes se amoldem a esses parâmetros é querer colocá-las numa camisa de força.

2. A concepção de Filosofia e de Filósofo para os iluministas franceses

É certo que não há uma definição inequívoca de filosofia e que há muitas maneiras de concebê-la e de ser filósofo. E todas elas carregam consigo um certo juízo de valor, na medida que identificam em um sistema filosófico ideal, uma maneira de se exercer a reflexão filosófica. E é com base nesse ideal que se exclui do âmbito da filosofia outras formas de praticá-la, que não se coadunam com tal arquétipo. Ao colocarem esse ideal no topo assumem uma posição dogmática, que os impede de aceitar outras filosofias e outras maneiras de ser filósofo.

A filosofia tem sido, tradicionalmente, concebida como um sistema de conceitos e o filósofo para produzi-la tem de viver uma vida solitária, alheia às coisas do mundo. Trata-se de um asceta preocupado em perscrutar as essências das coisas mais recônditas, tal como Platão o descreveu no *Teeteto*:

O filósofo (...) só de corpo está presente na cidade em que habita, enquanto o pensamento, considerando inanes e sem valor todas as coisas merecedoras apenas de desdém, paira por cima de tudo, como diz Píndaro, sondando os abismos da terra e medindo a sua superfície, contemplando os astros para além do céu, a perscrutar a natureza em universal e cada ser em sua totalidade, sem jamais descer a ocupar-se com o que se passa ao seu lado (Platão, 1973, 173e, p.63)

Entretanto um estudo aprofundado da história da Filosofia irá nos revelar que não existe “a filosofia”, mas “filosofias” e que há várias maneiras distintas de se fazer filosofia e de ser filósofo. E nem todas as filosofias, produzidas ao longo dos séculos, seguiram o ideal tradicional.

⁴ Para uma crítica do jargão da profundidade, ver ROMANO, R. “Voltaire e a Sátira”. In: *Revista Trans/formação*, vol. 20, São Paulo, Editora UNESP, 1997.

O século XVIII cunhou sua própria forma de conceber a filosofia e o filósofo. Em um manuscrito atribuído a Dumarsais, publicado anonimamente, em 1743, intitulado *Le Philosophe* cuja versão, com algumas nuances, foi, posteriormente, reproduzido por Diderot na *Encyclopédia* e por Voltaire no *Dicionário Filosófico*, encontramos uma noção geral do que se compreendia, por esses termos, na época.

No verbete “Filosofia” da *Encyclopédia*, Diderot após um breve histórico do termo e análise das diferentes formas de se conceber a Filosofia chega à conclusão que tal termo permanece vago. E no intuito de fixar o seu sentido e dar ao mesmo, uma boa definição, declara que “filosofar é dar a razão das coisas ou ao menos, procurá-la” (Diderot et. al., 1966a, p.1369, tradução própria)⁵. E o filósofo é aquele que busca descobrir os motivos pelos quais as coisas são de certa forma e não de outra, ou seja, visa à descoberta da razão de ser das coisas. Ele deve ser capaz de provar que as coisas são de determinada maneira.

No verbete “Filósofo”, procura apresentar as características do filósofo, seguindo o manuscrito *Le philosophe* de Dumarsais, que ele reproduziu na *Encyclopédia*, com algumas nuances. O filósofo é um homem de reflexão, e enquanto tal é capaz de discernir as causas que o movem, sejam elas internas ou externas. Enquanto os outros homens agem movidos por suas paixões, o filósofo, mesmo nas paixões, só age após reflexão. A razão determina sua ação, enquanto a graça determina o cristão.

Embora os filósofos das luzes considerem que a razão deve ser a fonte ordenadora do pensamento e da ação, eles se opõem ao ideal de racionalidade que, partindo de princípios *a priori*, pretende construir sistemas abstratos para explicar todos os aspectos da realidade. Enquanto homem de reflexão, o filósofo não é autor de “tratados teóricos,” de sistemas elaborados e fechados, nem tampouco “o mestre doutrinador dos discípulos,” (1966b, p. 275, tradução própria) mas sim o “exemplo vivo” do exercício da liberdade, da autonomia e da audácia ao exercer seus julgamentos. A “grande perfeição do filósofo está em, quando não há motivo para julgar, saber manter-se indeterminado” (1966b, p. 275, tradução própria)⁶. E acrescenta: “O espírito filosófico é assim um espírito de observação e de justeza que refere tudo aos seus verdadeiros princípios (1966b, p. 275, tradução própria).”⁷

O filósofo das luzes quer desfrutar, como homem precavido e econômico, os bens que a natureza lhe oferece e viver em harmonia com os outros homens. “É um *honnête homme* que quer agradar e tornar-se útil” (Diderot, 1966, p.275, grifos do autor, tradução própria).⁸ De acordo com

⁵ “[...] *Philosopher*, c’est donner la raison des choses, ou dumoins la chercher”.

⁶ “Une grande perfection du *philosophe*, c’est que lorsqu’il n’a point de motif propre pour juger, il sait demeurer indéterminé.”

⁷ “L’esprit philosophique est donc un esprit d’observation et de justesse, qui rapporte tout à ses véritables principes.”

⁸ “[...] c’est un *honnête homme* qui veut plaire et se rendre utile.”

este ideal, o filósofo deve participar ativamente de todos os problemas de sua época. Ele é ao mesmo tempo homem de reflexão e pensador empenhado.

Voltaire, por sua vez, no *Dicionário Filosófico*, não nos dá uma definição precisa dos verbetes “filósofo” e “filosofia”. O filósofo é concebido como amante da verdade. Ele lhe atribui um duplo caráter: um “exemplo de virtude” e a capacidade de dar “lições de verdades morais” aos homens (Voltaire, 1967c, p. 196). Nos dois verbetes, a preocupação não é propriamente definir tais termos, eles são utilizados como meios para Voltaire tratar das perseguições sofridas pela filosofia e pelos filósofos. Assim, ao invés de procurar apresentar como concebe tais termos, prefere, com seu estilo sarcástico e ao mesmo tempo satírico, exercitar a razão no desmascaramento de certas ideias e crenças veiculadas na época, baseadas no testemunho da revelação ou da autoridade e no combate as perseguições sofridas pela filosofia ou a aqueles que ousam pensar e defender o uso autônomo da razão. Desta forma, reafirma o seu próprio papel de filósofo engajado com as questões do seu tempo.

Para Hegel (1985), é nesse aspecto negativo e destrutivo das luzes que está a sua grandeza, a sua importância e a sua face admirável. Trata-se de uma orientação crítica da consciência que se opõe a tudo o que foi positivamente estabelecido: religião, hábitos, costumes, opiniões, instituições políticas, jurídicas e arte. Ao destruir esse domínio das ideias recebidas e dos pensamentos fixos, a filosofia das luzes se dá a consciência da liberdade pura. E os filósofos dessa época foram verdadeiros heróis que “com seu grande gênio, calor, entusiasmo e valentia” defenderam o grande direito humano da “liberdade subjetiva”, da opinião e da convicção.

Cassirer (1992) também pensa que o valor teórico das luzes está mais no movimento no qual este pensamento se engaja do que no seu conteúdo ou nos conhecimentos produzidos. Para o filósofo das luzes, assinala Cassirer, pensar não significa apenas analisar e examinar a vida, mas também, organizá-la.

A definição do filósofo das luzes como espírito assistemático e pensador empenhado foge à concepção tradicional de filosofia. Mas Nietzsche e Schopenhauer já não nos mostraram que é possível ser filósofo sem elaborar sistemas? E Sartre (que tinha Voltaire como uma figura exemplar), também, não demonstrou que se pode ser um filósofo engajado? E hoje, quando vemos as seitas religiosas dominarem a mídia, difundindo o fanatismo e a crença supersticiosa, arrebanhando milhões de fiéis com falsas promessas de cura, salvação, milagres, benção divina e prosperidade aqui na terra, manipulando ideologicamente os fiéis para votarem em determinado candidato, bem como, as guerras religiosas entre nações, os direitos humanos ameaçados, a corrupção do poder instituído, governantes oprimindo o povo e negando-lhes o direito de reivindicar uma vida digna, enfim a miséria humana; não temos o direito de questionar se não faltam a nossa época filósofos da estirpe de Voltaire e seus companheiros? Não são esses filósofos tão vivos e atuais?

3. Voltaire filósofo engajado

Uma vez esclarecido como as luzes francesas concebiam o filósofo e a própria filosofia restamos evidenciar a sua maneira de ser filósofo, em um século no qual o fanatismo, a superstição, a intolerância e a perseguição aos que pensam, deixou sua marca. Voltaire encarnou muito bem o ideal de filósofo delineado pelo século XVIII: não deixou em seus escritos nenhuma doutrina sistematizada e foi o árduo defensor da mentalidade libertária. Mas, embora não se lhe possa atribuir uma filosofia precisa, nem uma doutrina original, ele não deixou de refletir em nenhum momento de sua vida sobre questões essencialmente filosóficas: a existência de Deus, a imortalidade da alma, a natureza, o destino do homem, a liberdade, a vida, a morte, a sociedade e a história. Ele tem a convicção de que a filosofia não é uma tarefa de especialistas, mas deve ser um bem a ser compartilhado por todos os que se dão ao trabalho de pensar.

Nesse sentido, Pellissier (1908) em seu livro *Voltaire philosophe*, tomando a palavra filósofo, tal como o século XVIII francês a entendeu, procura destacar os domínios aos quais Voltaire aplicou sua Filosofia, a saber: a Metafísica e Física, a religião, a moral e a política. Nossa preocupação aqui, não é evidenciar as contribuições de Voltaire nessas áreas, pois Pellissier, já o fez de forma bem fundamentada e exemplar. Mas, sim acentuar que há, em Voltaire, um exercício do pensar sobre diferentes áreas do conhecimento, o que já nos permite vê-lo como um filósofo, entretanto, a sua produção intelectual, não pode ser qualificada de “sistema filosófico”, tal com a tradição o entendia, pois não era essa sua pretensão. A sua atitude é irônica, satírica e até mesmo cética face aos conhecimentos produzidos. Para ele é muito mais fácil destruir, ou seja, combater os preconceitos e as falsas ideias do que construir novas.

Voltaire tinha consciências das limitações de nossa razão, de suas fraquezas por isto, duvidava de seu papel construtivo, ou seja, que se pudesse atingir um conhecimento verdadeiro sobre as coisas. Suas dúvidas e relutâncias diziam respeito à capacidade da razão humana de conhecer o suprassensível, o ser das coisas, a natureza de Deus, a existência da alma, etc. Nesse sentido, reconhece a quão fraca é a nossa razão, e quão limitados são os seus poderes e, por isso, não pode especular sobre o que a transcende. Kant (1994, p. 3) no prefácio da primeira edição da *Crítica da Razão pura*, expressa, essa mesma constatação, quando afirma que a razão se “ver atormentada por questões, que não pode evitar, pois lhe são impostas pela sua natureza, mas às quais também não pode dar respostas por ultrapassarem completamente as suas possibilidades.”

A razão mantendo-se nos seus limites, que não poderiam ultrapassar o âmbito da experiência, poderia exercer seu papel construtivo, ou seja, produzir novos conhecimentos. E nesse seu papel

construtivo a razão humana deve ser empregada para o aperfeiçoamento das ciências e das próprias artes, tal era o propósito da *Enciclopédia*.

Mas, a grande contribuição dos filósofos das luzes não pode ser avaliada em termos dos conhecimentos construídos, pois não consideravam ser esta sua tarefa principal. Diderot, por exemplo, entendia que a *Enciclopédia* não deveria apenas produzir conhecimentos, mas também, efetuar uma mudança na maneira de pensar do homem comum. E, Voltaire, por sua vez, via como fim do homem a ação. A razão deveria nortear essa sua ação, pois lhe foi concedida por Deus para que possa agir. E ao invés dele dizer “eu creio” deveria dizer “eu faço” ou “eu ajo”. A inatividade do homem era sinônimo de não existir. Diz ele: “Para o homem, não se ocupar e não existir é a mesma coisa” (1967d, p.41, tradução própria)⁹. O filósofo, enquanto homem de ação, deve ter como foco de suas preocupações a prática, os problemas da vida e da própria moral. E naquela época, dado o obscurantismo que reinava, tinham muito trabalho a realizar nesse sentido.

No *Tratado sobre a tolerância*, Voltaire ao discutir “se é útil manter o povo na ignorância” critica as superstições, que são incutidas na cabeça dos homens pelas falsas crenças. Considera que é a fraqueza do gênero humano que faz com que o povo prefira ser subjogado por toda sorte de superstição do que viver sem religião. E como ele não conhece a verdadeira natureza da divindade, as ideias falsas ocupam o seu lugar. O seu objetivo é combater a superstição, esse mal que assolava o gênero humano. Esse objetivo foi muito bem resumido na máxima, que se tornou o seu brado de guerra: “*Écrasez l’infâme!*” Esse brado traduzia tudo o que deveria ser combatido: a religião cristã e seu clero, os propagadores de falsas crenças, as superstições e fanatismo, os dogmas, os falsos milagres, etc

Portanto, Voltaire e seus companheiros tomaram para si a tarefa de interferir na vida da sociedade, de modo a desmascarar todas as formas de obscurantismos que mantinham o povo na ignorância, bem como trabalhar para o bem da sociedade e contribuir para a educação dos homens. Sua pretensão era instruí-los, ensiná-los a pensar e assim, libertá-los dos grilhões que os mantiveram presos por muitos anos.

Voltaire expressou muito bem essa missão das luzes, na passagem abaixo, na qual conclama os homens a pensarem por si mesmos, antecipando assim Kant, no que se tornaria o lema do *Aufklärung* (*sapere aude*). Diz ele:

A vós apenas cabe aprender a pensar, haveis nascido com espírito, sois uma ave na gaiola da Inquisição, o Santo Ofício aparou-vos as asas, mas elas podem voltar a crescer. Quem não sabe geometria, pode aprendê-la, qualquer homem pode instruir-se: é vergonhoso que se

⁹ “L’ homme est né pour l’action, comme le feu tend en haut et la pierre en bas. N’être point occupé et n’exister pas est la même chose pour l’homme.”

deposite a alma nas mãos daqueles aos quais não se confiaria o dinheiro. *Ousai pensar por vós mesmos* (Voltaire, 1967e, p.585, grifos do autor).¹⁰

Hegel soube perceber que Voltaire representa o verdadeiro tipo do filósofo francês das luzes. Em *Les Écrits de Hamann* (1981), ao analisar como o “espírito pensante” se desenvolveu no *Aufklärung* alemão e francês, ele observa que na Alemanha ele primeiramente floresceu nas universidades e escolas e posteriormente estendeu-se à realidade. Só então, sob a forma metódica da filosofia de Wolf, ele se propôs a debater os princípios positivos da Igreja, do Estado e do Direito. Mas esse “uso do entendimento”, comenta Hegel, “não tinha em si mais espiritualidade que conteúdo” (Hegel, 1981, p. 61) e carecia de originalidade. Tratava-se de introduzir na Alemanha os princípios do deísmo, da tolerância religiosa e da moralidade, que Voltaire e Rousseau já haviam erigidos em modo universal de pensar para as classes superiores. Hegel relaciona com as luzes francesas tudo o que há de “gênio, espírito, talento e nobreza de coração” (Hegel, 1981, p. 62) e ressalta que “este novo modo de verdade apareceu com o brilho de todos os talentos, com o frescor de uma inteligência humana simples, plena de espírito [*geistvoll*], enérgica e vigorosa (p. 62, tradução própria).”¹¹

Mas é Voltaire em particular que Hegel vê como um homem dotado de espírito rico e pensamentos profundos. Diz ele:

O que os franceses veem como o meio mais seguro de agradar universalmente é aquilo que eles chamam *esprit*. Esse *esprit* se limita, nas naturezas superficiais, a combinar representações distantes umas das outras, mas em homens ricos de espírito (*geistreich*), como por exemplo Montesquieu e Voltaire, torna-se uma forma genial do racional pelo [dom de] reunir o [que foi] separado pelo entendimento, com efeito, o racional tem justamente nesse reunir sua determinação essencial (Hegel, 1995, p. 65, grifos do autor).

Hegel (1995) esclarece que essa forma de racional não é ainda a do conhecimento conceitual, pois a riqueza de espírito e a profundidade dos filósofos das luzes não se desenvolveu a partir de um universal, do conceito da própria coisa. A agudeza do entendimento de Voltaire está na clareza e precisão de sua expressão oral e escrita: “sua linguagem, sujeita a regras estritas, corresponde ao ordenamento seguro e à concisão de seus pensamentos” (p. 65).

Em seu opúsculo *Foi et Savoir* (1964), Hegel considera um exemplo de profundidade de espírito a forma como Voltaire refuta o otimismo de Leibniz. Ao se situar no nível da experiência, Voltaire soube perceber o caráter relativo das duas determinações reflexivas, o bem e o mal. E, ao contrário de Kant e Fichte, não pretendeu elevar-se ao absoluto, nem construir sistema. Com sua

¹⁰ Tradução de Bruno da Ponte e João Lopes Alves. Original: “Il ne tient qu’à vous d’apprendre à penser: vous êtes né avec de l’esprit; vous êtes un oiseau dans la cage de l’Inquisition, le saint-office vous a rogné les ailes, mais elles peuvent revenir. Celui qui ne sait pas la géométrie peut l’apprendre; tout homme peut s’instruire: il est honteux de mettre son âme entre les mains de ceux à qui vous ne confieriez pas votre argent, *osez penser par vous même.*”

¹¹ “[...] ce nouveau mode de vérité apparut avec l’éclat de tous les talents, avec la fraîcheur d’une intelligence humaine naïve, pleine d’esprit, énergique et vigoureuse.”

forma de argumentar, ele deu prova do “autêntico bom senso que possui em tão alto grau (Hegel, 1964, p. 289).

O “bom senso” que Hegel elogia em Voltaire não deve ser confundido com o que é criticado e rejeitado no prefácio da obra *La Phénoménologie de l’Esprit* (1983), o filosofar natural ou popular, que produz uma retórica de verdades triviais, insignificantes, cujo fundamento – a “inocência do coração”, a “pureza da consciência” – é vazio, incapaz de produzir uma determinação. Não é tampouco o “mau bom senso” (Hegel, 1984, p. 290) que, por ser tão limitado, não tem consciência de sua própria limitação e de sua unilateralidade. O bom senso de Voltaire, o verdadeiro bom senso, procede sem grandes pretensões, não se outorga poderes ilusórios, tem consciência de suas limitações. E é nesta sua modéstia que está sua dignidade, pois, como salienta d’Hondt (1978, p. 367, tradução própria) interpretando Hegel, “o bom senso que sabe que é apenas bom senso, já é a razão.”¹²

Podemos dizer que, se entendermos a filosofia, tal como foi concebida pelos filósofos das luzes franceses, como uma atitude do espírito que não visa propriamente a produção de grandes tratados filosóficos, mas sim intervir na realidade e realizar sua missão civilizatória, não podemos negar que Voltaire foi um filósofo. E que nesta sua tarefa foi brilhante. Ele lutou bravamente para promover o uso da razão esclarecida, pois entendia que tal uso constituía o único meio possível de se aperfeiçoar os seres humanos.

Considerações finais:

Neste trabalho procuramos destacar a contribuição filosófica das luzes francesas, em particular a de Voltaire, que consideramos como um filósofo engajado com as questões de seu tempo. Procuramos destacar como os filósofos iluministas franceses foram vítimas de preconceitos dada a sua forma peculiar de fazer filosofia, que diferentemente da tradicional, não visava à construção de grandes sistemas filosóficos, nem imputava ao filósofo uma vida reclusa e solitária para o exercício da reflexão filosófica. Pelo contrário, esses filósofos eram homens de ação, que pensavam que o filósofo deveria ir às ruas, às praças, deveria semear o uso esclarecido da razão de casa em casa.

Deveriam também, produzir obras úteis e breves que possibilitassem a divulgação da verdade e a tornasse pública. Trata-se de uma filosofia, de caráter “pragmático” comprometida com os problemas cotidianos, que eles vivenciavam e lhes causava indignação. E o que provocava a indignação, principalmente de Voltaire, era a passividade, a indiferença e o isolamento dos filósofos de seu tempo, enquanto os enganadores do povo constituíam seitas e arrebanhavam cada vez mais fiéis para lhes enganar e lhes incutir falsas crenças. E a questão que não quer calar é a seguinte: Por

¹² “Car le bon sens qui sait qu’il n’est que bon sens, c’est déjà la raison!”

que a barbárie, o fanatismo e a superstição retornam de tempos em tempos? E o que nós, que nos julgamos filósofos, devemos fazer quando a terrível “hidra de mil cabeças” volta a ressuscitar e mostrar suas garras? Vamos nos manter solitários e reclusos esperando, que apareça um Hércules para degolá-la ou ver essa tarefa também, como nossa?

Voltaire para combater a “infame” propunha que os filósofos se unissem e constituíssem uma pequena escola da razão. Mas, não tinha muita esperança na concretização desse seu ideal, pois os filósofos, por se julgarem sábios, faltava-lhes o entusiasmo e a atividade. Mas, na verdade “todos os filósofos são demasiado tíbios, contentam-se de rir dos erros dos homens ao invés de esmagá-los” (Voltaire, 1967f, p. 318)¹³ E são justamente esses filósofos, indiferentes às questões de seu tempo, arrogantes, que se julgam no direito de deturpar a produção intelectual das luzes por não se coadunarem com seu ideal de filosofia.

Referências

CARRÉ, J.-R. La Consistance de Voltaire le philosophe. In: **Revue, cours et conférences**, Paris, 1938, XXXIX, 2.

CASSIRER, E. **A filosofia do iluminismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas/ São Paulo, Editora da UNICAMP, 1992.

DEFFAND, Madame. **Cartas a Voltaire**. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Mandarim, 1996.

D'HONDT, J. Le sacré de Voltaire par Hegel. In: **Revue internationale de philosophie**,. Belgique, Université de Bruxelles, 1978, n° 124-125, fasc. 2-3, p. 357-370.

D'ALEMBERT, Jean le Rond. **Ensaio sobre os elementos de filosofia**. Tradução de Beatriz Sidou. Campinas/ S.P.: Ed. da UNICAMP, 1994.

DIDEROT, D. et D'ALEMBERT, J. (org.) **Encyclopédie ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres**. Paris: chez Briasson, David, Lebreton, Durand, Pergamon Press, 1966a, vol. II, tomes VII-XII.

DIDEROT, D. **Encyclopédie**. In: **Oeuvres Complètes**. Paris: Garnier Frères, 1966b, tome VI.

DESNÈ, R. A filosofia francesa no Século XVIII. In: CHÂTELET, F. **História da filosofia: A filosofia de Galileu a J.-J. Rousseau**. Lisboa: publicações Dom Quixote, 1979, vol. II, p. 231-266.

FAGUET, Émile. **Dix-Huitième Siècle: Études Littéraires**, Paris, Ancienne Librairie Furne, Boivin & C^{ie} Éditeurs, 1890.

HALL, Rupert A. Newton. The Eighteenth Century's Marble Image. In: **Vistas in astronomy**, vol. 22, Pergamon Press Ltd., Printed in Great Britain, 1979, p. 405-412.

¹³ “Tous les philosophes sont trop tièdes; ils se contentent de rire des erreurs des hommes au lieu de les écraser.”

HEGEL, F. **Leçons sur l'histoire de la philosophie**: la philosophie modern. Tradução de Pierre Garniron. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1985, tome 6.

HEGEL. **Les écrits de Hamann**. Tradução de Jacques Colette. Paris: Aubier Montaigne, 1981.

HEGEL. **Enciclopédia das ciências filosóficas em Compêndio/1830**: A filosofia do espírito. Tradução de Paulo Meneses. São Paulo: Loyola, 1995, vol. III.

HEGEL. **Premières publications** : foi et savoir. Tradução de Marcel Méry. Paris: Éditions Ophrys-GAP, 1964.

HEGEL. **La phénoménologie de l'esprit**. Tradução de Jean Hyppolite. Paris: Aubier, 1983, tome I.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MAISTRE, J. de. Les soirées de saint Pétersbourg. In: **Oeuvres complètes**. Lyon: Librairie générale, catholique et classique, Vitte et Perrussel, éditeurs-imprimeurs, 1884, tome III, quatrième entretien.

MERLEAU-PONTY, M. **Signos**. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

MESSAOUDI, A. Kant juge de Voltaire. In **Revue philosophique de la France et de l'étranger**. Paris: Éditions Presses Universitaires de France, tome 141, 2016, p. 307-324.

MAUROIS, André. **O pensamento vivo de Voltaire**. Tradução de Lívio Teixeira. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1975.

PLATÃO. **Diálogos**: Teeteto. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém/Pa.: Editora da UFPA., 1973, vol. IX.

SURAN, Théodore. **Les esprits directeurs de la pensée française du moyen age à la révolution**. Paris: Librairie C. Reinwald, Scheicher Frères et cie. editeurs, 1903.

VOLTAIRE, F. M. Arouet de. Lettre à Formont, junho/1733. In **Oeuvres Complètes**, précédée de la vie de Voltaire. Ed. par Louis Moland. Paris: Garnier Frères, 1967a, vol. XXXIII.

VOLTAIRE, F. M. Arouet de. Jugements sur Voltaire. In **Oeuvres Complètes**, précédée de la vie de Voltaire. Ed. par Louis Moland. Paris: Garnier Frères, 1967b, vol. I.

VOLTAIRE, F. M. Arouet de. Dictionnaire Philosophique. In **Oeuvres Complètes**, précédée de la vie de Voltaire. Ed. par Louis Moland. Paris: Garnier Frères, 1967c, vol. XX.

VOLTAIRE, F. M. Arouet de. Remarques sur les Pensées de Pascal. In **Oeuvres Complètes**, précédée de la vie de Voltaire. Ed. par Louis Moland. Paris: Garnier Frères, 1967d, vol. XXII.

VOLTAIRE. Dictionnaire Philosophique. In **Oeuvres Complètes**, précédée de la vie de Voltaire. Ed. par Louis Moland. Paris: Garnier Frères, 1967e, vol. XIX.

VOLTAIRE. Lettre à D'Alembert de 26/06/1766. In **Oeuvres Complètes**, précédée de la vie de Voltaire. Ed. par Louis Moland. Paris: Garnier Frères, 1967f, vol. XLIV.

Recebido em :30/03/2024

Aprovado em: 27/05/2024